

Certamen Vigorosum

(Para Gwendolyn MacEwen)¹

Patrick Lane*

Sendo a dor de viver tão grande,
a dor da punição tem que ser impiedosa
(T.E.Lawrence, *The Seven Pillars of Wisdom*,
Chapter One, «Strangeness and Pain»)

Resumo: Não há uma linha clara entre poesia e prosa, assim como também não há entre ficção e não-ficção. *Certamen Vigorosum* ocupa esse território aberto. Na superfície, é uma biografia, uma peça de memória, que documenta a conjunção entre dois homens, meio século atrás. Apresenta-se, também, como a conjunção entre duas outras pessoas, Gwendolyn MacEwen, um dos maiores escritores do século passado da América do Norte e Canadá, que morreu tragicamente de alcoolismo, e o narrador, que, como MacEwen, é um poeta, escritor de ficção e não-ficção. O artigo tenta interligar a Europa e as Américas. Coloca o narrador nativo em outra história, passada na Alemanha e na Arábia no começo do século XX. Esse transnacionalismo é um aspecto do texto, mas o mais importante é como o artigo tenta explorar a natureza da estória, oral e escrita, e como ela funciona explicando quem nós somos e como estamos como europeus “transplantados”. *Certamen Vigorosum* é sobre mudança: como ocorre e o que nos causa. O texto é metafórico, tanto o comentário quanto a descrição. Quanto dele é ficção e quanto é não-ficção é uma questão que somente a memória pode responder, e o ato de lembrar é a estória de uma história influenciada pela concepção do autor, que ele pode apenas imaginar como verdadeira.

Palavras-chave: História, transnacionalismo, memória, ficção, transformações.

Abstract: There is no clear line between poetry and prose, just as there is no clear line between fiction and non-fiction. “Certamen Vigorosum” occupies this open ground. On the surface it is a memoir, a memory-piece that documents the conjunction between two men half a century ago. It also serves as the conjunction between two other people, Gwendolyn MacEwen, one of North America’s and Canada’s finest writers of the past century who died tragically of alcoholism, and the narrator, myself, who, like MacEwen, is

1. Gwendolyn MacEwen (1941-1987) morreu tragicamente, vítima dos efeitos do alcoolismo. Romancista, poeta e memorialista, foi uma das maiores escritoras canadenses do pós-guerra.

* Professor de Escrita Criativa e autor mais de vinte livros. É considerado, pelos críticos e escritores canadenses, como o maior poeta daquele país. Escreve obras de ficção e não-ficção. plane@shaw.ca

a poet, fiction, and non-fiction writer. The piece tries to bridge the space between the Europe and the Americas. It places the native narrator in the romance of another history, that of Germany and Arabia at the beginning of the Twentieth Century. This transnationalism is one aspect of the text, but the more important one is how the piece tries to explore the nature of story, both oral and written, and how it functions as it explains who we are and where we are as transplanted Europeans. "Certamen Vigorosum" is about change, how it occurs and what it does to us. The dark figure of the examiner in Berlin, whose question will change Gerhard's life, to MacEwen and myself who, like all writers, explore the transformative and document its place and who have spent their lives waiting for some dark lord to ask them a similar question, to the unresolved wild creature, Atwi, who waits in her cage, all are reflections of the desire for a physical, emotional, psychological, and spiritual change. The piece is metaphoric, both commentary and description. How much is fiction and how much is non-fiction is a question that only memory can answer and the act of remembering is the story of a history biased by the writer's concern for what he can only imagine as truth.

Key-words: History, trans-nationalism, memoir, fiction, transformations.

Tudo começou com uma nota que achei numa antologia de poemas editada por Selden Rodman, um livro que abria raramente, embora tenha havido uma época, quando era jovem, em que o tinha sempre por perto, lendo-o tantas vezes, que sabia a maioria dos poemas de memória. A nota estava enfiada no meio do livro, junto a um poema de Artur Rimbaud – *O poeta de doze anos*, eu acho. Preciso confiar na memória, pois não tenho muita certeza do título, mas penso que esteja bem próximo. Estou agora em retiro, num mosteiro, e não tenho o livro comigo. Mas trouxe a nota. Nela estão quatro palavras escritas com minha mão, segura e jovem, de vinte e um anos: *Baghdad, Koweit, Sakakah, Jaffa*.

E, então, vem-me à lembrança Gwendolyn MacEwen, numa noite em Toronto em 1980, dizendo-me que eu devia escrever esta estória e finalmente a escrevo. Foi-me contada muito tempo atrás e esqueci algumas partes e, porque as esqueci, essas partes estão perdidas.

O homem que me deu as quatro palavras árabes foi Gerhard Wolfe.

Ele defendeu seu doutorado numa Universidade em Berlim em 1907. Nunca soube o nome da Universidade. Sua argüição durou três dias, durante os quais ele permaneceu sentado numa cadeira, no centro de uma grande sala vazia. Desde a manhã até a noite, vários professores de sua disciplina entravam em diferentes momentos, fazendo-lhe perguntas sobre todas as questões que desejavam que ele elucidasse. O exame oral era chamado *Certamen Vigorosum* e era mesmo muito rigoroso, um teste de resistência e de conhecimento e, portanto, de espírito. Mas ele sobreviveu e foi agraciado com o título de doutor em História Natural. Tinha vinte e dois anos.

No ano em que ele se doutorou, morreu um homem rico, um judeu, como Gerhard o descreveu, que deixou sua fortuna para a Universidade, com a condição de que fosse usada para financiar uma expedição de estudo sobre o povo semita na Península Árabe. O professor escolhido para liderar a expedição convidou Gerhard para acompanhá-lo, não porque fosse da sua área, mas porque era jovem e forte. O professor era bastante velho e fraco e tinha necessidade de alguém vigoroso para assisti-lo. A viagem era para durar três anos. Da forma como aconteceu, durou muito mais. Eles viajaram de navio e de trem, a pé e a cavalo, mas, na maior parte do tempo, montados em camelos, cruzaram e recruzaram a vastidão deserta da Arábia, aquela área que faz fronteira com o Golfo Pérsico no leste, com o Oceano Índico no sul, com o Mar Vermelho e o Mediterrâneo no oeste e com os rios Tigre e Eufrates no norte. Perto do fim do quinto ano, o professor que o escolheu morreu após sofrer um derrame em Baghdad e Gerhard, aliviado de seu compromisso com o velho homem, desejava nada mais do que voltar para casa com seus livros, anotações e espécimes. Era agosto de 1913.

Ele poderia ter esperado um mês e ter tomado um navio para Aden e de lá, através do Mar Vermelho, estaria de volta à Alemanha. Mas era jovem, impaciente para voltar para casa e não quis esperar. Decidiu deixar a expedição em Koweit no Golfo Pérsico, de lá cruzar o cinturão de areia e depois a imensa planície de cascalho e lava dos oásis de Jaffa. Era uma longa e difícil jornada, mas Gerhard havia viajado por lá antes. Comprou três camelos, carregou-os com todos os seus pertences e partiu. Porém, antes de partir, negociou com as autoridades árabes locais a permissão para atravessar suas terras, guiado por um de seus homens. Depois de quatro dias, alcançou o limite daquelas terras e foi entregue para o próximo clã de nômades do deserto. Cada vez que atravessava uma fronteira, ele se tornava hóspede dos beduínos e estava sob sua proteção. Era uma questão de honra, entre os povos árabes, que nenhum dano fosse causado a um homem, amigo ou inimigo, que fosse seu hóspede.

Em algum lugar próximo a Sakakah, na Arábia Central, Gerhard, seu guia e seus camelos foram atacados por beduínos estranhos ao clã que tinha garantido sua segurança e ele foi deixado para morrer no deserto. Lembrava-se de ter lutado e ter sido atingido por uma bala do que parecia ser um rifle antigo e nada mais. Até acordar numa tenda, sendo atendido por mulheres vestidas com xadoces, que trocaram suas roupas, deram-lhe comida e bebida e que cuidaram dele até que estivesse bem o suficiente para sentar e alimentar-se sozinho. Enquanto estava sendo cuidado pelas mulheres, um homem, que ele não conhecia, permaneceu sentado num pequeno tapete vermelho num canto da tenda. O homem não dizia nada e Gerhard, que estava muito doente e acostumado a ter um tradutor, sabia apenas rudimentos da língua árabe, e não tentou entabular nenhuma conversa. Em todo caso, a expressão do homem não convidava ao diálogo. Cada vez que

Gerhard acordava, o homem estava lá, noite e dia, sentado no pequeno tapete, olhando fixamente para frente. Ele estava consciente da presença de Gerhard, mas não lhe fazia nenhum sinal. Gerhard se referia a esse homem, durante toda a estória, como o homem que esteve sentado com ele. Não havia nenhuma outra descrição. O que ele vestia, se era alto ou baixo, jovem ou velho, nunca foi mencionado. Ele era simplesmente o homem que esteve sentado com Gerhard.

Cinco anos de viagem na Arábia haviam ensinado a Gerhard algo sobre o povo semita e ele achou tanto a presença como o comportamento do homem perturbadores, embora não fossem incomuns. Doze dias depois que ele acordou, dois homens vieram à tenda, ajudaram-no a se levantar e, então, com grande cuidado, vestiram-no com roupas limpas. Quando ficou formalmente vestido, o homem que esteve sentado com ele por doze dias se levantou, curvou-se diante dele numa reverência e fez sinal para que Gerhard o seguisse para fora da tenda. Gerhard estava tonto e trêmulo e os dois homens tiveram que sustentá-lo enquanto ele caminhava tarde adentro. O sol do deserto estava alto e brilhante e Gerhard, acostumado à sombra da tenda, por um momento não pôde enxergar. Lembrava-se de ter sido ajudado a sentar-se numa banquetea baixa apoiada sobre um tapete sob um dossel índigo, que, mais tarde, achou que devia ser de seda ou de um algodão muito fino.

Quando seus olhos se adaptaram à luz, ele viu seis homens ajoelhados à sua frente na areia. Reconheceu um deles como aquele que o acertara com o rifle antigo. Eles tinham os braços amarrados nas costas e estavam nus da cintura para cima, a pele do tórax, barriga e braços era pálida, o que fazia com que suas faces, escurecidas pelo sol, parecessem ser de uma outra cor. O homem que esteve sentado com Gerhard todos aqueles dias e noites na tenda, curvou-se mais uma vez diante dele, voltou-se e fez um leve movimento com a mão. Um dos que estavam em pé diante dos prisioneiros deu um passo à frente e estendeu uma espada ao homem que, agora Gerhard percebia, pela deferência e respeito que os outros, perfilados ao sol em semi-círculo, dispensavam a ele, era o chefe daquele clã. O homem tomou a espada, voltou sua lâmina ao sol como para testar seu brilho e, curvando-se novamente numa leve reverência, deu um passo à frente do primeiro homem ajoelhado, aquele que tinha atirado em Gerhard, e falou numa língua que Gerhard entendia muito pouco. Era uma pergunta para Gerhard. Ele não disse nada e o homem que esteve sentado com ele, com um único golpe, cortou a cabeça do homem ajoelhado, a face atordoada caindo na areia, o sangue jorrando em dois fluxos do toco do pescoço, o corpo dobrado para frente como numa prece.

Os cativos restantes não se moveram, nem disseram nada, somente fitaram Gerhard. O homem que esteve sentado com ele, curvou-se novamente e encaminhou-se para o próximo homem e para o próximo, curvando-se ligeiramente a

cada vez. Fazendo sempre a mesma pergunta e nunca recebendo nenhuma resposta, decapitou todos homens. Tendo terminado o homem devolveu a espada àquele que lhe havia entregado, pegou cada uma das cabeças e segurou suas faces diante Gerhard por um momento, antes de jogá-las de volta na areia. Quando tudo acabou, Gerhard foi conduzido de volta à tenda e lá aconteceu o que era requerido nessas ocasiões, segundo ele me contou. Ofereceram-lhe três dias de banquete, ao final dos quais ele, sentindo-se descansado, indicou que estava em condições de viajar para Jaffa. Seus camelos foram-lhe devolvidos, juntamente com os camelos e todos os bens dos bandidos, e foi escoltado através do deserto pelo homem que estivera sentado com ele.

Os dois homens viajaram juntos, mas não trocaram palavra, até que, em um ponto marcado por uma pilha de pedras, encontraram alguém da próxima tribo que ficaria responsável pela segurança de Gerhard. A última coisa que o homem que esteve sentado com ele fez foi entregar-lhe, numa bainha de couro, a espada que usara para decapitar os beduínos prisioneiros. Gerhard aceitou o presente e, então, montado em seu camelo, partiu pelo deserto. Olhou para trás somente uma vez. Apenas quando estava no topo de uma rocha. Não acenou, nem fez nenhum outro gesto a não ser olhar para trás e, então, seu camelo caminhou por um desfiladeiro de lava em direção ao oeste, e ele estava só, a não ser pelo pelo silencioso beduíno que agora o guiava. Seis semanas mais tarde, ele entrava nas ruas estreitas de Jaffa.

Quando conheci Gerhard, ele trabalhava como segurança nas minas Craigmont. Seu trabalho era revistar as marmitas dos homens que saíam das minas, para ter certeza de que não estavam contrabadeando algo: pedaços de máquina, fragmentos de cano ou de arame, ou qualquer coisa que pudessem vender como sucata na cidade. Ele parecia um homem velho, embora ainda fosse muito forte. A estória que acabei de contar é tão perto da de Gerhard quanto me é possível recordar. Eu me lembro de quando perguntei a Gerhard como soletrar as palavras. Eu as gravei, não apenas as escrevi. Era como se eu quisesse ter certeza de que as tinha entendido corretamente.

Tentei escrever a estória que ele me havia contado, mas cada vez que tentava não era bem sucedido. Continuava inventando detalhes, adicionando coisas que não estavam lá, decorando-a, fazendo-a romântica e, então, não era como havia sido. Eu deixei a estória para trás até 1980, quando a contei para Gwendolyn MacEwen. Nós estávamos na sala de hóspedes do Festival de Autores de Toronto, tomando um drinque, sentados no sofá da área de fumantes, com nossas costas voltadas para o lago. Não havia mais ninguém, a não ser Gwen e eu. Lembro-me de que estávamos conversando sobre o livro de T.E. Lawrence *Os sete pilares da sabedoria*. Este havia sido um livro muito importante para mim quando era jovem. Eu sabia da fascinação dela pelo Oriente Médio e achei que gostaria da

estória que Gerhard havia me contado. Eu penso, hoje, que estava querendo me exibir um pouco, mostrando um contacto, embora distante, com o deserto e sua gente. Ela não me contou que estava escrevendo uma série de poemas baseados no livro de Lawrence. Lembro-me dela dizendo que tinha ouvido muitas estórias, enquanto vivia no Oriente. Disse-me que devia escrever a minha, porque, agora que Gerhard estava morto, a estória me pertencia. Era um presente, ela disse, e presentes são fardos que é melhor descarregar. Respondi que talvez um dia eu escrevesse.

Isso aconteceu há trinta e três anos.

Conheci Gerhard pouco mais de um ano antes dele morrer, num hospital dilapidado que tínhamos em Merrit, no final dos anos cinqüenta. Ele tinha setenta e sete anos. Lembro-me de que eu o achava velho. Quando jovem eu passava muito tempo com homens mais velhos. Tinha necessidade de pais. Ele conhecia a flora e a fauna do vale onde vivíamos muito mais do que eu. Recordo de sentir-me envergonhado por saber tão pouco a respeito do país onde havia nascido e crescido.

Ele caçava aos sábados com um falcão que tinha apanhado numa armadilha nas áridas colinas a sudeste do rio Nicola. Levou-me com ele muitas vezes. Lembro-me de carregar o pássaro no meu pulso e, embora fosse jovem e forte, só conseguia manter o braço erguido por uns dez minuto antes que tivesse os músculos cansados. O falcão podia sentir meu tremor e ficava irrequieto toda vez que Gerhard me deixava carregá-lo. Ele o chamava Atwi. Caçava perdiz e galo silvestre com ele e contou-me que aprendera a arte da falconaria com os beduínos.

O que mais me recordo não é da estória da expedição ou da viagem, da decapitação dos bandidos, ou do homem que sentara com ele, embora este permaneça belo e misterioso para mim; e, também, não é a pergunta que foi feita sob o dossel quando os seis homens ajoelhados o fitavam, ou se ele a entendera ou não. E, se entendera, porque motivo não respondeu, pois me havia contado que vivera entre os beduínos por cinco anos e, certamente, entendia um pouco a sua língua. A pergunta, tenho certeza, era muito simples. Não era nada disso. Era Gerhard sentado na cadeira de madeira na sala vazia da Universidade em Berlim, quando ele tinha vinte e dois anos, e as palavras, *Certamen Vigourous*, que ele usou para descrever sua defesa.

Quando Gerhard falava do exame, tornava-se muito intenso. Para ele, aqueles três dias foram os mais importantes de sua vida. Ainda agora posso fechar meus olhos e ouvi-lo contando do cheiro do óleo que era usado para polir os braços da cadeira. Gerhard disse-me que esfregava os dedos nos braços de madeira e os levava ao nariz, para sentir o tênue odor de cera de abelha e óleo, misturados com o cheiro do carvalho e da oleosidade das mãos dos que estiveram ali sentados antes dele. Isto e o brilho dos três lustres nas paredes, o modo como refletiam sua luz nas escuras paredes de madeira no final da tarde.

A viagem na Arábia antes da Grande Guerra, os bandidos atirando nele, o homem que esteve sentado com ele e que decapitou seis homens, eram mais reais por causa dos detalhes que Gerhard me contou a respeito da sala de defesa e da cadeira. Ele me contou esta estória em 1960, cinqüenta e três anos depois que aconteceu, e eu a estou contando quarenta e três anos mais tarde. Sua defesa foi há cem anos, mas eu posso sentir a frieza daquela sombria sala em Berlim e ver Gerhard sentado na sua cadeira, no centro do extenso piso de ardósia cinza, as altas janelas cobertas com pesadas cortinas de cor púrpura, que tremulavam muito levemente cada vez que alguém caminhava perto delas, os demônios de poeira nos cantos perto das portas, o redemoinho de luzes amarelas nas paredes, e ele levando, subrepticamente, seus dedos ao nariz, cheirando-os, enquanto esperava quem viria interrogá-lo.

Quando imagino Gerhard naquela sala, é o fim do terceiro dia e um homem de toga preta dirige-se a ele. Eu o vejo como um professor visitante de Viena, embora não saiba por que Viena. Talvez ele tenha mencionado este homem. Ele tem apenas uma pergunta a fazer e, então, a força e energia da alma de Gerhard, seu teste de resistência, que é um dos significados de *Certamen Vigourous*, chegará ao final. Tudo que guiará sua vida pelos próximos cinqüenta anos do século XX, com tantas preocupações e pesares, até aquele vale isolado no sul da Colúmbia Britânica, onde eu o conheci, com suas minas de cobre, serrarias, bares e a desesperada pobreza dos índios, dos operários e suas infelizes esposas e filhos, tudo depende deste momento. A resposta que ele der, irá guiá-lo inexoravelmente ao vale Nicola, ao cemitério no planalto deserto acima de Merrit, onde as únicas pessoas assistindo a seu funeral seremos eu, um pastor anglicano bêbado, que subornei com cinco dólares que não podia gastar, para falar algumas poucas palavras sagradas, indistintas e ligeiramente incoerentes como as recordo, e um homem nativo, paciente, que ficou ao lado da sepultura com sua pá, sem dizer nada, enquanto esperava que terminássemos.

Havia o falcão, sem dúvida, mas a estória de Atwil que esperou por mim em sua gaiola, sob o empoeirado pinheiro Ponderosa, atrás do barraco perto do rio Nicola, não é a estória de Gerhard, é a minha e ainda não estou pronto para descarregar este fardo. É suficiente, eu acho, que tenha contado a estória de Gerhard tão claramente como fiz. Eu poderia tê-la contado mais cedo, e poderia ter recordado mais, mas não o fiz e os anos em que eu poderia tê-la escrito se foram em nuvens e chuva. Importa o que sei agora. Tenho, pelo menos, os lugares corretos: Bagdad, Koweit, Sakakah e Jaffa, e tenho a cadeira de carvalho de encosto reto e braços oleosos, e a sala vazia de uma Universidade sem nome em Berlim.

E o cheiro, este também como ele me contou.

A estória oferecida aqui é para lembrar Gwendolyn MacEwen. Ela foi a primeira que me disse que devia escrevê-la. Ela disse que era um presente e, portanto,

um fardo e eu conheço muito a respeito de fardos. Estórias são partes de nós mesmos que trazemos à vida, e, se elas não são contadas, nossas vidas são perdidas. Gwen sabia disso em seus pequenos e frágeis ossos. Ela conhecia estórias perdidas, algumas, eu sei, ela levou para seu túmulo. Ambos, ela e eu, dispendemos muitos anos dentro de salas em cadeiras solitárias, enquanto esperávamos alguém chegar e fazer a pergunta que mudaria nossas vidas.

ATWI

*Pequeno falcão das colinas desertas,
suas nuvens são as nuvens que eu quero,
seus olhos os únicos olhos.*

*Aqui na terra foi somente a terra
para me cobrir. Todos estes anos
entre cactus e capim
colhi pedras cinza.*

*Quando você voa com os fortes ventos
não me chame para erguer-me
nos galhos espinhosos das árvores,
nas pedras espalhadas na areia.*

Eu não posso ir com você.

Patrick Lane